



Liliana Lavoratti *

A pergunta que não quer calar

Haverá ou não mudança de rumo na política de juros altos, eis a questão

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva manifestou mais uma vez na semana passada a sensibilidade que lhe é peculiar sobre os problemas concretos da população. Cobrou da equipe econômica as razões da queda do consumo das famílias brasileiras. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos três primeiros meses deste ano o consumo familiar caiu 0,6% em relação aos últimos três meses do ano passado.

A informação foi divulgada junto com outros dois dados pouco positivos: a desaceleração da economia no primeiro trimestre de 2005, que cresceu apenas 0,3% em comparação com o último trimestre de 2004. A taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do ano passado também ficou menor, depois da revisão do IBGE — passou de 5,2% para 4,9%. A pesquisa revelou ainda redução nos investimentos.

Embora consciente da importância dos investimentos para o aquecimento da economia, Lula sabe que é o consumo que mais puxa a produção. Por isso, os argumentos da equipe econômica para minimizar o impacto desses números perante os formadores de opinião não devem ter deixado o presidente muito satisfeitos. Para o Ministério da Fazenda, está mantida a previsão de crescimento do PIB ao redor de 4% neste ano. Os dados relativos ao primeiro trimestre espelham um momento passageiro de acomodação e as projeções mais recentes mostram uma aceleração maior da atividade econômica nos próximos meses.

A inquietação de Lula com a redução no consumo das famílias só veio aumentar uma interrogação que povoa a grande

maioria das cabeças pensantes no País hoje. Até que ponto o presidente Lula vai permitir a manutenção da atual política monetária apertada para segurar a inflação em detrimento da produção e do consumo? Haverá uma mudança de rumo — quando e em que medida? Imagina-se que o pior dos mundos para o projeto de reeleição de Lula seria o desaquecimento da economia junto com a crise política que está dando muita dor de cabeça ao governo.

A revelação dos números sobre o nível da atividade econômica coincidiram com a elevação do tom das críticas do setor produtivo à política de juros altos. As consequências eleitorais para o governo Lula em 2006, demonstradas na pesquisa CNT/Sensus também divulgada na semana passada, só vieram reforçar ainda mais a posição de quem defende a flexibilização dessa política. Até a agência oficial de notícias do Palácio do Planalto, a Radiobrás, mancheteou: 47% estão insatisfeitos com o rumo da economia. A pesquisa indicou ainda pequena queda nos índices de popularidade do presidente Lula e do governo.

Outro sinal vermelho: a força do ministro da Fazenda, Antonio Palocci — ampliada com a função de articulador político com verba para agradar a base aliada do governo no Congresso e, com isso, abafar a CPI dos Correios — reside no bom desempenho obtido na economia e nas contas públicas, apesar dos juros altos. Situação bem diferente se esse quadro — ou parte dele — se inverter.

* Liliana Lavoratti é editora da Gazeta Mercantil (llavoratti@gazetamercantil.com.br)